

**ÁGUAS PASSADAS PROMOVEM CIDADES COM CINTURÕES CULTURAIS: PROJETO
E RESTAURO DO EDIFÍCIO DA ANTIGA CASA DE ALFÂNDEGA E OS CASARIOS
EMBLEMÁTICOS DA RUA DO PORTO DE CORUMBÁ**

**WATER UNDER THE BRIDGE PROMOTE CULTURAL HUB CITIES: DESIGN AND
RESTORATION OF THE HOUSE OF THE OLD CUSTOMS AND THE EMBLEMATIC
BUILDINGS OF RUA DO PORTO DE CORUMBÁ**

SALEIRO FILHO, Mário; Dr., Professor Adjunto, Arquiteto; DAU/ IT/ UFRRJ, BR 465,
Km7, Campus Universitário - Seropédica, RJ – CEP 23851-970;
(e-mail:saleirofilho@gmail.com); cel.: (21)99642-5499

MARIZ, Marcelo; Restaurador e Conservador de Bens Culturais; Autônomo; Rio de Janeiro
- RJ - CEP 22210-080; (e-mail: mariz.marcelo@gmail.com); cel.: (21)99719-7927

RESUMO

Esse artigo constituiu uma oportunidade para refletirmos sobre espaços culturais e turísticos em nosso país, e seus rebatimentos no desenvolvimento sócio-econômico em sítios construídos e naturais no âmbito nacional. O objetivo dessa comunicação é tanto de apresentar o Projeto e Restauo da “Antiga Casa da Alfândega” de Corumbá - Mato Grosso do Sul, e as edificações emblemáticas vizinhas, ressaltando a importância da construção desses objetos arquitetônicos como marco no apogeu sócio-econômico daquela cidade, e as respectivas alterações funcionais para os novos usos no período compreendido entre o final do século XIX à primeira década desse século. A metodologia começa com o processo de formação e transformação daquela cidade, passando pelos retratos de seu apogeu econômico e termina nas materializações arquitetônicas e urbanísticas às margens do Rio Paraguai.

Palavras-Chave: Antiga Casa da Alfândega; Corumbá; Rio Paraguai; Cinturões Culturais.

ABSTRACT

This discussion provided an opportunity to reflect on cultural and tourist speaking countries, and its repercussions in the socio-economic development in the built and natural sites nationwide. Your goal is to present "The House of Old Customs" of Corumbá – State of Mato Grosso do Sul and the emblematic buildings nearby, and his contributions both as a landmark in the socio-economic apogee of the city, and functional changes to their adaptations to new uses in the period between the late nineteenth century the first decade of this century. The methodology starts with the process of formation and transformation that city, passing by the pictures of your economic peak and ends in architectural materialization on the banks of the Paraguai River.

Key-Words: The House of Old Customs; Corumbá; Paraguai River; Cultural Hubs.

Introdução

Uma visita ao Centro-Oeste Brasileiro, mais precisamente a capital do Pantanal, constituiu uma oportunidade para refletirmos sobre espaços culturais e turísticos em nosso país, e seus rebatimentos no desenvolvimento sócio-econômico em sítios construídos e naturais no âmbito nacional.

O objetivo dessa comunicação é tanto de apresentar o Projeto e Restauo da “Antiga Casa da Alfândega” de Corumbá localizada no Estado de Mato Grosso do Sul, quanto às edificações emblemáticas vizinhas, ressaltando a importância da construção desses objetos arquitetônicos às margens do Rio Paraguai, e suas contribuições como marco no apogeu sócio-econômico daquela cidade.

O recorte temporal que demarcamos decorre de dois momentos expressivos na capital pantaneira: O final do século XIX – a construção do edifício da Alfândega e do casario da Rua do Porto; e A primeira década do século XXI – quando aconteceram as transformações funcionais nesses edifícios para adequação de novos usos.

Nesta análise revela-se a contribuição dos projetos de arquitetura para o desenvolvimento das cidades numa conjuntura particular. Apontamos no campo das atribuições funcionais, a inclusão dos escritórios técnicos do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) naquela localidade, corroborando pontualmente na garantia da preservação do patrimônio nacional, revitalizando-os e balizando um lócus com qualidade arquitetônica, estimulando a inserção de novos equipamentos culturais e turísticos.

Nossos passos metodológicos iniciam-se no processo de formação e transformação dessa urbe, perpassando pelos retratos do seu apogeu econômico e encerra-se nas materializações arquitetônicas e urbanísticas às margens do Rio Paraguai.

Assim, entendemos que examinar a intervenção urbano-arquitetônica dessa zona ribeirinha e sua repercussão em Corumbá, grifa a importância fundamental da arquitetura na formação cultural de um povo.

1. O Lugar

Por se encontrar numa região interiorana do país, divisa com a América de língua hispânica, a territorialização inicial do Pantanal havia reconhecidamente sido ocupada pelos espanhóis desde o século XVI. Entretanto, o despertar para essa área aconteceu depois de um hiato de quase dois séculos, tendo em vista os interesses prementes da Coroa Portuguesa. Vale lembrar que naquela época, a bússola lusitana estava apontada para o litoral brasileiro, focando a comercialização da cana de açúcar no Nordeste, e da mineração no Sudeste, bem como a defesa da nossa costa.

Acreditamos que o rio Paraguai é um ator em potencial nessa paisagem. Por ser constantemente navegável, contribuiu positivamente na função de agente indutor, para implantar um povoado em suas margens e posteriormente delimitar a terra como portuguesa. Cabe ressaltar que essa via fluvial foi testemunha dos muitos cenários de conflitos das ocupações lusas e castelhanas nas regiões interioranas da América do Sul, mais especificamente na zona pantaneira, a saber:

1. Em 1772, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira Cáceres, governador da capitania de Mato Grosso, estabeleceu assentamentos ao longo do rio Paraguai, e posteriormente ergue o Forte de Nova Coimbra em 1775, no estreito de São Francisco Xavier, dando início a consolidação da demarcação e da proteção de terras portuguesas naquela região. A partir desse destacamento militar, mais a norte surge lentamente o povoado;

2. O ano de 1859 é marcado pela remoção dessa povoação, por solicitação do Presidente da Província, e nasce a posse denominada Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque, assentada na base da encosta limítrofe ao rio e a região superior desse costado;

3. No período compreendido entre 1864-1870, fora uma das localidades assoladas pela Guerra do Paraguai, portanto a história da urbe remete ao século XIX, tendo em vista que as construções originais foram destruídas nessa época de embates. Com o término da guerra, retomou-se o crescimento daquela localidade e em 1871 elevou-se a categoria de Vila, posteriormente denominada Corumbá⁽¹⁾ nos idos de 1873 (Galvão Junior, Pessôa & Piccinato, 2007).

Inscrita num lugar de visibilidade singular, escala obrigatória de importações e exportações de produtos que circulavam no eixo fluvial do Rio Paraguai com destino final ao Oriente da Bolívia e outras cidades daquele estado, Corumbá atinge o patamar de importante centro de negócios.

Conectado ao desenvolvimento econômico veio o desenvolvimento urbano sendo elevada a categoria de cidade em 1878. Nesse ínterim, as edificações passam a ocupar as duas regiões no quadro morfológico da cidade. Na parte alta [região superior da encosta] acontece a expansão urbana e na baixa [base da encosta], na Rua do Porto, despontam edifícios com programas arquitetônicos destinados a armazéns, depósitos, comércios e residências, testemunhos de um processo sócio-econômico cabendo aqui ressaltar a reflexão (LIMA, 2005) “... na época do fausto do comércio fluvial, quando navios transatlânticos ligavam a região às principais capitais da Bacia do Prata e também a Hamburgo, na Alemanha, onde algumas casas do Porto Geral mantinham filiais”.

Na virada do século XIX para o XX Corumbá encontrou seu apogeu. Em 1914 era constituída por 15000 habitantes que transitavam numa cidade com um traçado composto por ruas simétricas espaçadas: “... seguindo o modelo de cidade linear que se desenvolve ao longo do rio, com todas as ruas dominantes correndo no mesmo sentido, e as transversais, aproximadamente normais à mesma linha sinuosa do curso d’água” (SANTOS, 2008). Naquela época o porto corumbaense era o terceiro maior da América Latina. Um dos negociantes de ponta era o português Manoel Cavassa, que até 1930, coordenava a comercialização de muitos produtos dentre os quais o fruto da seringueira, couros, charques e ervas medicinais. Por ser o único meio de transporte de mercadorias para atingir aquela região até a década de 50, entrou em desuso, quando da implantação da antiga Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que alterou substancialmente a economia local.

Hoje essa região pantaneira tem a sua economia voltada para a exploração mineral, pecuária e o eco-turismo(2) – onde Corumbá ocupa lugar de destaque por ser o ponto de partida no turismo fluvial.

2. A Antiga Rua do Porto e seu Casario Emblemático

A zona ribeirinha de Corumbá contorna as margens do Rio Paraguai. Constituída por um conjunto arquitetônico do final do século XIX e início do século XX, compreende as seguintes vias: Rua Manoel Cavassa (antiga Rua do Porto), Ladeira José Bonifácio, Ladeira Cunha e Cruz, Travessa Mercúrio e Travessa do Beco da Candelária. “Esse conjunto edificado na beira rio tem um

significado histórico, arquitetônico e paisagístico que guarda a memória de um passado de lutas, misérias e glórias" (LIMA, 2005).

Vale lembrar que esse recorte espacial, historicamente foi a gênese do crescimento urbano de Corumbá, pois a população ocupava essa região, em decorrência do grande fluxo comercial, e a Ladeira Cunha e Cruz, tivera grande influência por ser um corredor viário principal que dava acesso tanto a Igreja Nossa Senhora da Candelária bem como a parte alta da cidade.

A implantação de um comércio de exportação e importação tornou-se viável, a partir de 1856, quando foi estabelecido um acordo entre o Império Brasileiro e a República do Paraguai, consubstanciando o livre trânsito de barcos brasileiros e estrangeiros até o Porto de Corumbá. "A centralização do fluxo mercantil de toda a província e seu núcleo urbano passou a ter contato direto com as principais capitais, cidades platinas e algumas européias (CORREA, CORREA & ALVES, 1985).

O Casario do Porto é conformado por uma tipologia volumétrica contínua, não havendo afastamentos laterais nas edificações, com características arquitetônicas tais como: fachadas no alinhamento ocupando toda a frente do lote e deixando na parte posterior os pátios livres. As fachadas possuem coroamentos que contornam as coberturas. Muito dessas construções foram projetadas para atender as necessidades de armazenamento de mercadorias que eram comercializadas no Porto como havíamos dito.

Atualmente, o Casario do Porto além de contemplar uma área comercial e recreativa abriga atividades funcionais próprias, faz parte do principal roteiro turístico, explorado culturalmente tanto pelos visitantes como pela cidade.

Com o declínio da movimentação comercial portuária, esses edifícios passaram a desempenhar novas funções, atribuídas principalmente, no início do século XXI, através da atuação do Programa Monumenta(3) do IPHAN, onde destacaremos os prédios da Antiga Casa da Alfândega, Wanderley Baís & Cia e a Casa Vasquez & Filhos. Cabe ressaltar que os demais edifícios que compõem o conjunto urbano dessa zona, e que não estão descritos nesse discurso, tem uma significação cultural-arquitetônica relevante por serem testemunho de uma era de opulência naquela paisagem.

A motivação na revitalização dos edifícios selecionados, além de melhor estruturá-los tanto funcionalmente quanto formalmente e tecnicamente, permite promover atividades de capacitação de mão-de-obra especializada em restauro, formação de agentes locais de cultura e turismo, bem como

de atividades econômicas e programas educativos, grifando os objetivos principais do Monumenta – a sustentabilidade do Patrimônio, com apoio do BID (Banco Interamericano do Desenvolvimento) e o apoio da UNESCO.

2.1 A Antiga Casa da Alfândega

Concebida pelo arquiteto italiano Martino Santa Lucci, o projeto da “Antiga Casa da Alfândega” foi implantado na região ribeirinha, atualmente na confluência das ruas Manoel Cavassa com e Domingos Sahib, e visava atender o fluxo de mercadorias nas embarcações que faziam escala no Porto de Corumbá, numa época de plena expansão econômica em 1896.

O edifício de tipologia formal compacto e retangular é dotado de um único pavimento, e se compõe por um seu eixo central, onde há uma circulação que nasce na entrada principal até a porta que dá acesso para a fachada posterior, dividindo a planta em dois salões: um com forma plena e outro subdividido em quatro espaços de dimensões variadas e dois sanitários.

A fachada é de característica eclética (Fig. 01), e em consonância formal com o casario da Rua do Porto, tem composição simétrica, com frontão triangular e neste há um brasão da República em alto relevo, e sob este a inscrição “alfândega” em caixa alta. A platibanda é conformada por balaustradas interrompidas por uma modulação marcada por lesenas. Os vazios pertinentes ao lugar das esquadrias são em forma retangular recebendo janelas de duas folhas em madeira e coroados por uma bandeira executada em serralheria cujo formato é um arco pleno.



Fig. 01 – Antiga Casa da Alfândega/ Atuais Escritórios: Técnico II do IPHAN/MS e Local do SPU, 2010.
Fonte: Restaurador Marcelo Mariz

Em seus interiores podemos destacar o projeto de restauração pictórica coordenado pelo restaurador Marcelo Mariz. Inicialmente foram reparadas as janelas(4) das prospecções estratigráficas encontradas na edificação, com a técnica do pontilhismo. Posteriormente, na área faltante dos ambientes, fez uma reconstituição da unidade visual, através do estêncil nos rodameios dos salões e da circulação (Fig. 02).



Fig. 02 – Restauro Pictórico do Rodameio da Circulação, 2010.
Fonte: Restaurador Marcelo Mariz.

Esse edifício desempenhou inúmeras funções no contexto citadino: Além de ter abrigado a alfândega da cidade por sete décadas, durante a década de 70 até 2005 tornou-se sede da Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE) de Corumbá. Após o restauro da edificação realizado em 2010 passou a abrigar o Escritório Técnico II do IPHAN e o escritório local da SPU (Secretaria do Patrimônio da União).

Por estar isolado dos demais casarios, e implantado transversalmente na Rua do Porto e no arranque da Ladeira José Bonifácio [que permite acessar a parte alta da cidade], o edifício torna-se um ponto focal singular naquela vizinhança, colorido pela pintura branca de suas fachadas tornando cintilante sob o reflexo do sol – um diamante pantaneiro. Seus espaços internos [originais] foram subdivididos por vedações removíveis, conformando ambientes funcionais, que atendem a um programa arquitetônico para se estabelecimento dos órgãos federais acima citados.

2.2 O Edifício Wanderley Baís & Cia.

Foi construído numa época de prosperidade em Corumbá por Firmo José de Mattos para abrigar a empresa Firmo de Mattos & Cia. fundada em 1876. Posteriormente foi comprada por Wanderley Baís, cujos sócios eram Francisco Mariano Wanderley (brasileiro, vice-cônsul da Bélgica), Francisco Bernardo Baís (italiano) e Alberto Gomes Moreira (português, vice-cônsul da Argentina).

Tratava-se de uma empresa de importação e exportação, e foi a maior casa comercial do antigo Estado de Mato Grosso, no início do século XX, possuindo filiais no mesmo estado, nas cidades de Aquidauana e Campo Grande.

O edifício é conformado em três pavimentos, inicialmente os dois primeiros pisos foram destinados ao programa comercial e o último, habitacional. Teve o seu uso ao longo do século XX também como agência do Banco do Brasil, quando havia, então outras importantes agências bancárias na cidade, boa parte delas internacionais, onde a moeda corrente era a esterlina.

Edificação de características ecléticas é o que mais se destaca pela sua tipologia volumétrica em relação aos demais edifícios contíguos da zona do porto. Sua fachada é simétrica com coroamento, composto por cimalha (cornija, friso e arquitrave). Suas portas estreitas e altas compõem com os pés direitos elevados. No andar intermediário há um balcão com balaustradas. Sua estrutura é em pilares metálicos.

Hoje em dia esse edifício abriga o MUHPAN (Museu da História do Pantanal) (Fig. 03). Seu programa arquitetônico é subdividido em Exposições de Longa Duração e Temporárias. O projeto museográfico foi elaborado pelo arquiteto Nivaldo Vitorino.



Fig. 03 – Museu da História do Pantanal, 2010.
Fonte: Arquiteto Mário Saleiro Filho

O conceito museográfico foi ancorado na filosofia de contar a história da ocupação humana no Pantanal, fruto de uma manifestação local e nacional, e seu projeto foi concebido nos três pavimentos embasados por uma linha do tempo diacrônica. O usuário acessa seus interiores se inserindo nos primórdios da pré-história pantaneira, passando pelo período pré-colombiano, documentando também a civilização indígena brasileira, a colonização europeia até os dias atuais. A ambiência é balizada por inúmeros objetos achados nas escavações arqueológicas realizada por profissionais oriundos da esfera acadêmica e profissional, bem como a execução de modelos tridimensionais, em escalas variadas, reproduzindo os hábitos, costumes, folclore e conquistas desse povo. Nessa edificação há locais destinados a palestras e cursos de formação profissional no âmbito do turismo.

2.3 A Casa Vasquez & Filhos

Idealizado pelo arquiteto Santa Lucci em 1909, a pedido dos Irmãos Vasquez para funcionar como armazém contemplando o comércio [exportação] de peles de animais selvagens para a Europa. Ao longo do século XX também teve seu uso como habitação.

Sua volumetria é desenvolvida em três pavimentos, e segue os parâmetros estéticos da corrente *art-nouveau*. Sua fachada é simétrica composta por quatro lesenas com altos relevos geométricos, e que se inserem no coroamento. Este é formado por de dois arcos abatidos e um pleno. Centralizado nessa platibanda há um elemento decorativo [réplica do original] representado a ave de rapina [carcará], segurando em suas garras um pergaminho com a inscrição “Vasquez e Filhos” e um segundo ornato sobrepondo a platibanda, remetendo as espécies vegetais. Cabe destacar as serralherias [remetendo seu desenho a folhas de acanto] incrustadas nas esquadrias, bem como os painéis de azulejos refratários e bizotados na cor vermelha.

Nesse edifício pretende-se instalar o “Memorial do Homem Pantaneiro” (Fig. 04), onde acontecem concertos de música clássica e exposições de artes plásticas.



Fig. 04 – Memorial do Homem Pantaneiro, 2010.
Fonte: Arquiteto Mário Saleiro Filho.

Sob o ponto de vista formal, esse edifício está restaurado tanto externamente como internamente. Os materiais construtivos e suas técnicas promovem através de sua fachada uma singular beleza, tanto através de seus ornatos bem acabados quanto das vibrantes cores quentes dos painéis de azulejos, garantindo uma arquitetura fachadista, imprimindo monumentalidade à edificação. Com relação aos atributos funcionais, os três pavimentos encontram-se vazios, aguardando que órgãos de fomento corroborem na complementação de seu projeto.

2.4 A Urbanização da Orla do Rio "Beira-Rio" e Revitalização do Porto-Geral

A conformação original da orla do Rio Paraguai junto a Rua do Porto era delineada por um talude terroso, permitindo a população, acessibilidade tanto as embarcações quanto ao banho de rio. Com o desenvolvimento da cidade e do fluxo de mercadorias no porto de Corumbá, foi erigida uma balaustrada delimitando a calçada da Rua do Porto com as margens do rio no século passado, impondo controle e garantindo segurança aos cidadãos que circulavam naquele espaço.

A partir da primeira década desse século deu-se início a urbanização da orla do rio denominada "Beira-Rio" e de revitalização do Porto-Geral, direcionando os trabalhos iniciais para a

infraestrutura urbana, bem como na construção do muro de arrimo, ampliando a área urbanizada entre o rio e o casario e o acesso as embarcações que fazem o turismo fluvial e o ecoturismo.

Importante frisar que o ecoturismo praticado na região atualmente, diferenciadamente do turismo predatório de antigamente, estão definidos pelos princípios da *TIES (The International Ecotourism Society)* privilegiando grupos pequenos, atendimento especializado e individualizado e a interpretação ambiental, social e cultural como fator importante durante a experiência turística.

Na área urbanizada foram planejadas áreas de contemplação, anfiteatro, espaços livres para eventos ao ar livre, paisagismo compreendendo jardins e áreas de vegetação nativa, mobiliário urbano, sinalização, esculturas, iluminação pública, portões, grades e chafarizes, além de estacionamento de veículos, revestimentos de calçadas e pavimentação de vias, todos contemplados com desenho universal (Fig.05).



Fig. 05 - Urbanização da Orla do Rio (Beira-Rio).
Fonte: Arquiteto Mário Saleiro Filho.

Considerações Finais

Verificamos que a acessibilidade ao território pantaneiro fora um dos fatores que consolidaram a ocupação espanhola naquele espaço brasileiro em decorrência que os interesses primordiais da Coroa Portuguesa concentravam-se no litoral.

A seguir, observamos que foi fundamental a estratégia de conquista das terras pantaneiras pelos colonos portugueses através dos assentamentos implantados ao longo Rio Paraguai para que o lugar tivesse uma formação lusitana.

Com a construção do Forte Coimbra e com o deslocamento do povoado desse destacamento militar, nasce a posse denominada Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque – gênese do nosso espaço citadino de estudo.

Observamos que a Guerra do Paraguai arrasou aquela localidade sul mato-grossense. A sua retomada de crescimento no final do século XIX, com a mercantilização dos produtos regionais e europeus, categorizou aquela antiga posse como vila, e a seguir foi elevada como cidade denominada Corumbá. Delineamos que nessa época, essa urbe era conformada tanto pela região ribeirinha, como pela ocupação urbana já consolidada na parte alta da encosta.

Na região da Rua do Porto, os edifícios que foram construídos para atender a programas arquitetônicos que estreitavam os laços com a comercialização portuária na virada do século XX, passaram a abrigar novas funções quase um século depois, tendo em vista a desativação do porto quando da implantação da ferrovia Noroeste do Brasil.

Acreditamos que a inserção do Escritório Técnico II do IPHAN/MS e SPU no contexto corumbaense, foi fundamental na recuperação do casario ribeirinho visando à implantação dos edifícios Museu da História do Pantanal e Memorial do Homem Pantaneiro – centros de registro da memória da ocupação do homem naquele lugar.

Somando a essas intervenções, no domínio dos projetos arquitetônicos contemporâneos, na Rua Domingos Sahib, via que margeia o rio e que dá continuidade à Rua Manoel Cavassa, foi construído o Centro de Convenções de Corumbá, e, atualmente está sendo reformado o edifício da “Alfândega Nova” para fazer parte como novo equipamento urbano do Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, consolidando assim, um cinturão de equipamentos culturais as margens daquela artéria fluvial.

Na esfera da paisagem, em substituição a outrora margem terrosa do porto de Corumbá, foi realizada um projeto como o alargamento da calçada, áreas de contemplação e de lazer, revitalizando ainda mais a região ribeirinha, requalificando espacialmente a cidade e estreitando a relação do povo com o rio denominada "Beira-Rio".

No que compete a sustentabilidade, o turismo fluvial predatório foi substituído por um ecoturismo balizado por um órgão de fiscalização internacional, consubstanciando uma harmonia entre o patrimônio natural e cultural, incentivando a sua conservação e buscando uma consciência ambientalista, agenciando o bem-estar das populações abarcadas.

Sob o ponto de vista comportamental, as inserções urbano-arquitetônicas realizadas, contribuem positivamente na consolidação da orla do rio lugar como espaço centralizador das atividades culturais pautadas no calendário da cidade.

Nossas reflexões nos conduzem a ratificar que principalmente o Rio Paraguai, assume-se cada vez mais, como ator protagonista na história [passada e atual] daquela localidade, se perpetuando como um *core* corumbaense.

Assim, encerramos essas considerações contrariando o provérbio "...águas passadas não movem moinhos", quando se refere a água que já passou e não pode mover os moinhos que ficaram para trás. Sugerimos que "Águas passadas não movem moinhos mas promovem cidades com cinturões culturais", pois pudemos constatar que mesmos as águas passadas, entendidas aqui como a maturação da relação do homem e da paisagem - do corumbaense e do rio, ainda se mantêm substancialmente desde épocas mais remotas, corroborando com as águas presentes e quiçá futuras na cultura local, sobretudo materializando espaços urbanos e arquiteturais enquanto real e de representação.

Referencias Bibliográficas

CORREA, Valmir, CORREA, Lúcia S., ALVES, Gilberto L. **Casario do Porto de Corumbá - Patrimônio Histórico a ser Preservado**. Brasília: Gráfica do Senado, Campo Grande: Fundação de Cultura de MS, 1985

DIOGO, Érica (org.). **Recuperação de Imóveis Privados em Centros Históricos**. Brasília DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2009.

LIMA, Maria Margareth Escobar Ribas. **Corumbá: História Construída no Pantanal**. Corumbá: Gráfica Tropical, 2005.

PESSÔA, José & PICCINATO, Giorgio. **Atlas de Centros Históricos do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

SANTOS, Paulo. **Formação de Cidades no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 2008.

Notas

- (1) Corumbá etimologicamente significa “banco de cascalho” por causa das margens calcáreas do Rio.
- (2) Importante ressaltar que historicamente o ecoturismo foi durante muito tempo uma atividade predatória no Brasil e em especial no Pantanal, segundo a *World Wide Foundation*.
- (3) O Programa Monumenta foi concebido na última década do século passado visando objetivar o processo de preservação do patrimônio histórico dos núcleos urbanos sob proteção federal.
- (4) Trata-se de uma nomenclatura da pelos restauradores no processo de investigação, onde através de uma abertura feita na alvenaria, protegida ou não por material transparente, para deixar ver o que lhe fica por baixo.